

Revista Adventista

A Igreja e o Evangelismo POR L. D. VINCE

Tem-se descrito a Igreja como «um corpo cuja vida é o Espírito de Jesus. É um grupo de homens e mulheres semelhantes a Cristo, aos quais o Espírito Santo chamou, esclareceu e iluminou mediante a pregação da Palavra; são animados a olhar para diante, para um futuro glorioso, preparado para o povo de Deus, e entretanto manifestam a sua fé em toda a espécie de trabalho missionário em favor de seus companheiros crentes... O seu segredo é o secreto companheirismo com Jesus.»

Por conseguinte, uma Igreja genuína, não pode deixar de ser viva. Revelar o Espírito de Jesus significa seguir o Seu exemplo. «O Espírito do Senhor é sobre Mim», disse Ele, «pois que Me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-Me a curar os quebrantados de coração, a apregoar liberdade aos cativos, a dar vista aos cegos; a pôr em liberdade os oprimidos; a anunciar o ano aceitável ao Senhor.»

«Ide... e pregai o Evangelho», ordenou Ele, e eles foram e «pregaram por todas as partes cooperando com eles o Senhor.»

«É fazendo o trabalho de Cristo que a Igreja tem a promessa da Sua presença — porquanto tomar o Seu jugo é uma das primeiras condições para receber o Seu poder. A própria vida da Igreja depende da sua fidelidade no cumprimento da comissão do Senhor. Negligenciar o Seu trabalho é certamente o mesmo que buscar a fraqueza e a decadência espirituais. Onde não existe trabalho activo em benefício dos outros, o amor diminui e a fé desaparece.»

Há muitas maneiras de trabalhar para Cristo, especialmente onde estiver a ser realizada uma série de conferências evangélicas — pois em tais ocasiões cada membro tem oportunidade de brilhar nas actividades missionárias. Mesmo os que não têm capacidade para distribuir literatura ou tomar parte em algum dos muitos métodos de fazer propaganda, podem produzir uma grande influência para o bem,

assistindo a todas as reuniões. Se tão-somente os membros pudessem imaginar o bom efeito que a sua presença produz sobre os novos interessados, nunca perderiam uma reunião. E esse bom efeito não se limita aos interessados, mas chega também a comunicar-se ao pregador, que fica animado e inspirado ao ver que a Igreja está orando por ele e tomando parte nas mesmas actividades, ao seu lado. Ele sabe que pode contar sempre com a ajuda dos membros na ocasião de cantar, aumentando o número de vozes.

Ganhar almas não é trabalho só do ministro ou evangelista. A parábola dos talentos claramente indica o facto de termos todos de ser chamados a prestar contas a Deus de tudo quanto tivermos feito ou deixado de fazer.

Salomão tinha uma vinha de que cuidar e auxiliares para colaborarem com ele. Para ele um milhar, e para cada um dos seus auxiliares, duzentos. (Cantares de Salomão 8:11 e 12).

O Senhor assemelha a Sua Obra a uma vinha em que o Seu povo trabalha. Assim, Salomão bem pode representar o ministro, que deve produzir em harmonia com a sua alta e santa vocação, assim como de acordo com a sua preparação, ao passo que os auxiliares, com menos cultura e oportunidade, se bem que também devam produzir alguma coisa, deles não se espera tanto como daqueles.

É facto provado que aqueles que são ganhos para a Verdade pelos esforços pessoais dos membros da Igreja se tornam também membros de confiança — em virtude do testemunho do povo de Deus, o qual pode remover todo o preconceito e qualquer dúvida. Desta maneira, o ministro do Evangelho encontra em tais interessados um auditório de ouvintes bem preparados para escutar a Palavra de Deus.

«Naquele dia», quando Jesus vier receber os talentos, quão grande será a alegria, ao ouvi-lo dizer: «Bem está, bom e fiel servo... entra no gozo do teu Senhor».

ELLEN G. WHITE

— Vista pelos que a conheceram — I

por ARTHUR L. WHITE

(Secretário das Publicações de Ellen G. White)

Segundo os dados biográficos informativos da Conferência Geral, na linha 21, Ellen Gould White tinha, em 1909, cento e cinquenta e cinco centímetros de altura (cinco pés e duas polegadas) e de peso 63 quilos e meio (130 libras), com «compleição ligeiramente morena», «olhos cinzentos», «cabelo grisalho». Se esta ficha tivesse sido preenchida alguns anos antes, o cabelo teria sido castanho, porém ela estava com oitenta e um anos de idade. Outros ítems, em número de vinte e seis, dão as informações seguintes: «Data e lugar de nascimento — Gorham, Maine, em 26 de Novembro de 1827». «Data da conversão — provavelmente em Março de 1840.» Casou-se com o pastor Tiago White a 30 de Agosto de 1836; ele faleceu a 6 de Agosto de 1881. A família White teve quatro filhos, todos homens, dos quais faleceram o primeiro e o último. A Sr.^a White fez muitíssimas viagens e escreveu muitos livros, que foram traduzidos em várias línguas.

Dão-nos estes interessantes dados informações de valor no que se refere a Ellen White como obreira adventista do sétimo dia, mas não no-la apresentam nos seus traços personalísticos. Não nos falam do seu temperamento, nem nos descrevem qual era a sua atitude em relação às outras pessoas, ou como ela enfrentava as dificuldades. Não nos falam de suas alegrias e tristezas, suas lutas com o desânimo, sua batanha contra o apetite, seu apego ao lar, seu interesse para com as flores e os animais. Não nos descrevem as horas que ela permaneceu ao lado do leito da criança doente da vizinha, ou como cozinhou, remendava e fazia as compras. Nada dizem da Sr.^a White como oradora, ou de sua responsabilidade como escritora, e das horas intermináveis que passava atendendo às pessoas que a procuravam em busca de conselhos. Estas coisas não aparecem na ficha de informação. Mas é por meio destes traços característicos que nos tornamos verdadeiramente familiares

com a irmã White. Felizmente podemos, baseados nos relatórios volumosos que estão na casa forte das Publicações Ellen G. White, na sede da Conferência Geral, reconstruir os esboços destes aspectos humanos interessantes, de sua vida e de sua experiência.

Se estivessemos em visita a esta família em seu lar no ano de 1859, pois temos o diário daquele ano da Sr.^a White, encontrar-nos-íamos numa pequena casa distante apenas alguns quarteirões dos escritórios de *Review and Herald*, em Battle Creek, Michigan. A Sr.^a White teria 31 anos e o pastor White 36. Há três filhos: Willie, Edson e Henry — cujas idades respectivas são quatro, nove e doze anos. Observamos que a Sr.^a White é uma mãe atenta, dona de casa cuidadosa, prestimosa vizinha, sempre pronta a receber e hospedar. É uma senhora que age por convicção, contudo possui maneira e voz afáveis. Está interessada em conhecer os acontecimentos do dia e as novidades locais. Mostra-se alegre, não contrária a uma boa risada. Não há em sua vida lugar para uma religião que faça baixar a cabeça. A gente sente-se perfeitamente bem em sua presença. Mostra-se sempre amiga, se bem que discreta.

Estamos em Janeiro, e a Sr.^a White está atarefada em escrever, coser e preparar-se para uma viagem de três semanas em que visitará várias igrejas ao norte de Michigan. Ela irá um pouco antes de seu marido, que pretende ir logo mais. É auxiliada por Jenny, jovem de princípios firmes que mantém a casa com a mesma ordem, quando a família White está em viagem. Nossa primeira visita é no meio do Inverno e o solo está coberto de neve. A casa está situada já ao sair da cidade, tem quintal, e o celeiro fica na parte posterior. Ficamos interessados em ver as actividades ao ar livre, mais tarde, durante a Primavera.

Uma dentre as muitas viagens

Revela-nos o pequeno diário, de capa de couro preto, os planos e pormenores dessa viagem. Por vezes, mostra-nos lances de

incidentes emocionais. Eis o que se encontra escrito na sexta-feira, 7 de Janeiro: «Fomos para Otsego, para casa do irmão Leighton. A viagem foi bastante fria, contudo sentimo-nos confortavelmente». Os relatórios dos dias seguintes referem-se às reuniões que foram celebradas e às pessoas que a elas assistiram, e também a seu estado de saúde. Passemos ao dia 19 de Janeiro, quarta-feira: «À tarde fomos para Wright [onde havia nove anos se celebrara nossa primeira reunião campal]. O irmão Cramer, ancião, assentou-se ao nosso lado para guiar os animais. Ele conhece muito bem a estrada. É boa estrada. Não tínhamos leite para Teresa [evidentemente filha do irmão Cramer]. Ela chora. Oh! que possamos ser tão ansiosos pelo pão da vida como o é ela pelo alimento temporal. Ela não fica satisfeita». — Diário, 1859.

Dois dias depois, sexta-feira, a Sr.^a White sentiu muitas saudades do lar; como acontece frequentemente com o obreiro que viaja, quando se aproxima o sábado. Relatou confidencialmente em seu diário: «Tenho sentido muitas saudades do lar nesta viagem. Temo que não tenha sido voluntária em sacrificar a companhia do marido e dos filhos a fim de fazer o bem a outras pessoas. Desejo ter espírito voluntário em fazer sacrifício completo e crucificar todo o sentimento egoísta. Sinto falta do Espírito de Deus. Passei algum tempo chorando perante o Senhor.»

A batalha contra o apetite

Passaram-se quatro anos; é o Verão de 1863. Suponhamos estar ainda na casa da família White. Falam-nos na visão de 6 de Junho deste ano, sobre a reforma de saúde, e da mudança que ela trouxe a esta família na questão alimentar. A Sr.^a White era grande apreciadora dos alimentos cárneos e não se interessara muito pelos alimentos simples e sadios. Pensara que necessitava de comer carne a fim de tornar-se forte. Sua saúde não tinha sido boa; efectivamente, por diversas vezes sentira-se fraca a ponto de perder os sentidos. Mas na visão foi-lhe mostrada a vantagem de um regime simples e sadio, isento de carne e de alimentos estimulantes. Resolvera pôr e mprática em sua própria casa estes princípios tão novos para ela.

A cozinheira recebeu instruções para não preparar mais alimentos com carne e esta ordem foi imediatamente posta em vigor. Algumas horas depois a família veio

sentar-se à mesa que estava bem provida com os alimentos provenientes de produtos da terra, não havendo nela carne de espécie alguma. A Sr.^a White sentia ter fome, mas, com a vista dos alimentos passou-se-lhe o apetite, e levantou-se da mesa. Na hora da refeição seguinte reuniu-se novamente a família ao redor da mesa e desta vez era bem intenso o apetite que a irmã White estava sentindo. Ao olhar para os pratos e não vendo carne, passou-se-lhe novamente a vontade de comer e mais uma vez levantou-se sem tocar nos alimentos. Só sentia vontade de se alimentar com carne.

Chegando novamente a hora da refeição, a sr.^a White apressou-se em sentar-se à mesa. Não havia ainda carne mas o seu desejo por este alimento era intenso. Os pratos simples não lhe tentavam o apetite. Então ela diz-nos: «Cruzei os braços por cima do estômago e disse: '... ou comerei alimentos simples ou deixarei de comer.' ... Eu disse ao meu estômago: 'Você pode esperar até que possa comer pão'.» — *Testimonies*, Vol. III, págs. 371 e 372. Não passou muito tempo até que a sr.^a White se deleitava saboreando os alimentos simples e sadios que Deus criara para o homem.

Desta maneira descobrimos que ela teve de vencer a mesma batalha do apetite com que nos defrontamos hoje. Com o ser a mensageira de Deus, não ficou livre destas lutas pessoais em sua experiência cristã. Ela ainda relata outra experiência idêntica, ao obter a vitória sobre o apetite no caso do vinagre. (Ver *Counsels on Diet and Foods*, pág. 485).

(Continua no próximo número)

Assinar a «REVISTA ADVENTISTA»
corresponde a ter à mão um repositório
de artigos do máximo interesse espiritual,
directrizes seguras para a marcha dos di-
ferentes Departamentos e as notícias mais
interessantes do Movimento Adventista
através do Mundo e do campo português.

«DAQUELE DIA E HORA NINGUÉM SABE»

por E. FERREIRA

Repetidas vezes, através da história, se têm levantado homens cometendo o erro de fixar uma data para a segunda vinda de Jesus.

No fim do século IV, *Tichonius*, nascido na África do Norte, escreveu sobre o Apocalipse um comentário que se perdeu, mas cujo conteúdo se conhece em grande parte pelas citações de autores posteriores. Estava convencido de que a volta de Jesus se daria no ano 381.

Antes dele, viveu *Santo Hipólito*, de Roma, que veio a falecer mártir, sob Maximino o Trácio, por altura de 325. Escreveu em grego numerosas obras, entre as quais um tratado sobre Daniel, e segundo S. Jerónimo, outro sobre o Apocalipse, de que apenas restam alguns fragmentos. É notável o seu «Tratado sobre Cristo e o Anticristo». Este padre da Igreja fixava para o regresso de Jesus o ano 500.

Ao aproximar-se o ano 1000 da era cristã esteve longe de se produzir aquele pânico geral de que mais tarde com pouco fundamento tanto se escreveu. Não faltaram, porém, vozes, como a de *Bernhard*, eremita da Turíngia, a proclamar que nessa data ocorreria o fim do Mundo e, consequentemente, a segunda vinda de Jesus.

O autor anónimo do livro *De Semine Scripturarum* (Da Semente das Escrituras), tratado que sem razão figurou durante muito tempo entre as obras de Joaquim de Flora, ao estudar as 2.300 tardes e manhãs do livro de Daniel, abriu o caminho que mais tarde percorreria Arnaldo de Villanova.

Nascido por volta de 1325, possivelmente em Espanha, *Arnaldo de Villanova* foi um famoso médico, chamado como tal a prestar os seus serviços clínicos aos Papas Bonifácio VIII e Clemente V. Cumulativamente foi um notável teólogo leigo. Publicou setenta e oito obras, além de quarenta e cinco que ficaram inéditas ou se perderam. No seu livro «Introductio in librum De Semine» (Introdução ao livro Da Semente), anuncia que 2.300 anos depois de Daniel ocorreria o segundo advento de Jesus.

No século XV, floresceu o célebre Cardeal *Nicolau de Cusa*, matemático, legista e teólogo insigne, que desempenhou papel de relevo nos concílios de Basileia e Florença. Na sua obra «De Novissimis Diebus»

(Acerca dos últimos dias) defendeu que a vinda de Jesus se daria por volta de 1734.

Não muito depois, o navegador *Cristóvão Colombo* fazia as suas célebres viagens ao Novo Continente. Em 1501, antes da sua quarta viagem, escreveu o «Libro de las Profecias», no qual, seguindo Santo Agostinho, que à duração do Mundo atribuíra 7.000 anos, e adoptando a cronologia de Afonso X, o Sábio, que fixava a data da criação em 5.344 A. C., dizia restarem apenas uns 155 anos, devendo o fim da história da Terra ocorrer em 1656. Pensando que antes disso o Cristianismo seria pregado em todo o Mundo, considerava-se providencialmente chamado por Deus para a descoberta de novas terras e para a abertura delas à pregação do Evangelho.

Na primeira metade do século XVII levantaram-se adeptos de Cromwell, na Inglaterra, que anunciavam para breve o estabelecimento do reino de Cristo, nele havendo de desempenhar providencial papel aquele discutido homem de Estado.

Segundo *Henry Archer*, pregador em Londres, Cristo e os santos possuiriam um reino visível, monárquico, neste Mundo. Calculava ele que em 1666 ocorreria a queda do Anticristo, seguindo-se o reino de Cristo por volta de 1700.

É curioso notar que o citado ano de 1666 era apontado pelo P.^o *António Vieira* como assinalando o estabelecimento do reino visível de Cristo no Terra, no qual desempenhariam missão providencial os Portugueses e o seu rei. Enquanto isso se dava na Terra, Cristo continuaria, porém, ainda no Céu.

No segundo quartel do século XIX, grande número de pregadores de diversas denominações, entre os quais se destacou *Guilherme Miller*, anunciaram a breve volta de Jesus, fixando sucessivamente diversas datas, das quais a mais anunciada foi a de 1844.

O erro cometido através dos séculos de fixar uma data para a segunda vinda de Jesus teria, sem dúvida, sido evitado, se os estudiosos da Bíblia houvessem prestado mais atenção às palavras do Mestre: «Daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos do Céu, nem o Filho, mas unicamente Meu Pai». (Mat. 24:36).

Mas, para evitar esse escolho, cairemos nós nos erro oposto — o de nos desinteressarmos dos sinais da vinda de Jesus?

Disse o Senhor: «Aprendeis pois esta parábola da figueira: Quando já os seus ramos se tornam tenros e brotam folhas, sabeis que está próximo o Verão. Igualmente, quando verdes todas estas coisas, sabeis que Ele está próximo às portas.» (Mat. 24:32, 33).

Os sinais têm-se sucedido, cada vez mais numerosos e evidentes, anunciando que o grande dia se aproxima.

Quando partimos de uma aldeia da província para a capital e tomamos o comboio, durante horas estendem-se diante dos nossos olhos as serras nuas e agrestes ou mimosos campos verdejantes. Aqui e além, pobres casinhas deixam no quadro a sua mancha humilde. Zagais com os rebanhos pastando emprestam aos campos a sua nota idílica. Passado tempo, começam a aparecer edifícios de mais moderna estrutura e levantam-se fábricas onde traba-

ham numerosos operários. As estradas são agora percorridas por velozes automóveis. Todos estes sinais anunciam que a grande cidade se aproxima. E o comboio vai rodando, e o casario vai-se tornando mais denso, e os grandes postes eléctricos elevam-se imponentes, e gigantescos anúncios divulgam os nomes de conhecidas marcas comerciais. Não há dúvida de que não estamos longe da capital. Já soberbos edifícios ostentam a sua mole de cimento, já os eléctricos e os autocarros circulam. Estamos nos subúrbios. Em breve nos encontraremos no centro da urbe.

Na viagem da humanidade para o seu termo, já não nos encontramos naqueles tempos distantes em que raros sinais se divisavam, indicativos de uma mudança de cenário. Muitos indícios nos certificam hoje de que estamos perto, muito perto, do fim.

Quantos quilómetros restam ainda? Por quanto tempo ainda viajaremos? Ignoramo-lo. Mas «quando verdes todas estas coisas, sabeis que Ele está próximo às portas».

DEPARTAMENTO DE PUBLICAÇÕES DA UNIÃO PORTUGUESA

FEVEREIRO DE 1954

NOMES	HORAS	LIVROS	REVISTAS	TOTAL
António G. Duarte	211	5.650\$00	2.100\$00	7.750\$00
João António	181	11.560\$00	690\$00	12.250\$00
Idalina Ferreira	175		3.595\$00	3.595\$00
T. Pinto Aguiar	82	2.135\$00	105\$00	2.230\$00
Maria L. Saboga	112		2.135\$00	2.135\$00
Isaias da Silva	107	1.395\$00	130\$00	1.525\$00
Carlos de Carvalho	39	752\$50	707\$50	1.460\$00
Júlia Sanches	163	230\$00	370\$00	1.150\$00
Júlia Costa	41		1.060\$00	1.060\$00
Luísa M. Brito	46		685\$00	685\$00
Diversos		1.310\$00		1.310\$00
	1.157	23.082\$50	12.077\$50	35.160\$00

MARÇO DE 1954

<i>Colportores Acreditados:</i>				
António Gomes Duarte	213	5.060\$00	4.200\$00	9.260\$00
Isaias da Silva	150	2.350\$00	80\$00	2.430\$00
Maria Luísa Saboga	154		2.410\$00	2.410\$00
João António	69	570\$00		570\$00
<i>Colportores Autorizados:</i>				
Idalina Ferreira	84		2.865\$00	2.865\$00
Júlia Costa	84		1.890\$00	1.890\$00
Júlia Sanches	112	370\$00	350\$00	720\$00
<i>Colportores Ocasioneis:</i>				
Artur Abreu de Oliveira		7.330\$00		7.330\$00
Carlos de Carvalho	47	1.385\$00	540\$00	1.925\$00
Maria Luísa Brito	44		665\$00	665\$00
Afonso António	78	635\$00		635\$00
	1.035	17.700\$00	13.000\$00	30.700\$00

SEMANA DA JUVENTUDE DA IGREJA DE LISBOA

Algumas semanas antes, a direcção dos M. V. lançou-se deliberadamente ao trabalho, quer na preparação do programa, quer em visitas a jovens que ultimamente não têm vindo às reuniões. Embora os nossos esforços não fossem 100 % coroados de êxito, ainda tivemos a alegria de



Alguns jovens que colaboraram na festa de encerramento

cumprimentar durante esta semana alguns jovens que vieram em virtude das visitas feitas, não só pela direcção mas também por comissões para isso designadas.

As Classes Progressivas também estavam no nosso pensamento e os requisitos de amigos e companheiros foram ministrados nessas semanas que antecederam o começo das nossas reuniões.

Depois de todos estes preparativos, sempre trabalhosos, chegámos finalmente ao sábado, 13 de Março, dia marcado para início da semana da Juventude da Igreja de Lisboa. O irmão Juvenal Gomes, ancião da igreja, falou-nos sobre *A Juventude e a Igreja*, salientando não só o que a juventude espera da igreja mas também o que a igreja espera da juventude.

A reunião de domingo, 14, esteve a cargo do irmão Juvenal Gomes e o assunto apresentado foi: *A Juventude e o Mundo de Hoje*. Reconhecemos a necessidade de amparar os nossos jovens, nestes dias perigosos em que o Mundo, de uma forma atraente, tudo facilita para os afastar dos seus princípios de Jesus.

Conhecedores de quão útil é a recreação para a nossa juventude e do perigo que há

em não escolher boas recreações, os irmãos João Luís Beato e Américo Rui Santos apresentaram, na segunda-feira, 15, o seguinte tema: *A Juventude e a sua vida recreativa*.

Nos restantes dias foram apresentados os seguintes assuntos:

Terça-feira, 16: *A Juventude e a vitória sobre o pecado*, pelo pastor A. Raposo.

Quarta-feira, 17: *A Juventude e os seus hábitos de saúde*, pelos alunos da Faculdade de Medicina Samuel Ribeiro e Henrique Faro.

Quinta-feira, 18: *A Juventude e as suas relações sociais*, pelo pastor P. B. Ribeiro.

Sexta-feira, 19: *A Juventude e os seus problemas religiosos*, pelos jovens Eduardo Graça e Eusébio Martins.

Na maioria dos dias tivemos o prazer de ouvir o coro da igreja, dirigido pelo irmão Juvenal Gomes. Também alguns jovens colaboraram com músicas ao piano.



Três jovens violinistas acompanhados ao piano

Sábado, 20: A mensagem deste dia esteve a cargo do pastor Ernesto Ferreira que, depois de ler alguns passos bíblicos que mostram o amor de Jesus pelos jovens, e o Seu cuidado em os recomendar aos discípulos, fez um pedido à igreja e aos pais para que amparassem e conduzissem a juventude nos passos do divino Mestre.

Antes de terminar, foi feito um apelo para maior consagração a Deus, ao qual todos os jovens e irmãos responderam, pondo-se de pé. Nesse momento solene, o orador fez subir ao trono de Deus uma fer-

vorosa prece, pedindo ao Senhor que aceitasse o gesto de todos os presentes e os ajudasse a viver uma vida mais consagrada.

À noite teve lugar uma festa com a colaboração de vários jovens, que nos deleitaram com os seus cânticos, poesias, músicas, etc. Também teve lugar nesta festa o exame de vinte e um jovens que foram investidos nas classes de Amigos e Companheiros.

Por fim, realizou-se no domingo um passeio à serra do Monsanto, em que tomaram

parte quase todos os jovens da sociedade e muitos irmãos e pessoas amigas. Todo o dia os nossos jovens acamaradaram em conjunto e muitos manifestaram a sua tristeza por se não realizarem passeios neste género mais vezes.

Assim terminámos a semana da juventude e pedimos a Deus que ajude os nossos jovens a porem em prática todos os bons conselhos ministrados através dos assuntos apresentados.

Fernando Mendes

Através do Mundo Adventista

A Mensagem em Timor

Nas ilhas de Bali, Lombok, Soumbava, Flores e Timor, do arquipélago de Sonda, a mensagem tinha sido proclamada até agora por nossos fiéis colportores. Nestes últimos tempos foi possível enviar um evangelista que reuniu auditórios muito atentos. Apesar de uma forte oposição, já se realizaram baptismos. Em Kupang, cidade principal do Timor Holandês, perto de 200 pessoas — das quais mais de 100 já foram baptizadas — assistem regularmente aos cultos. Comprámos um belo terreno situado na parte alta da cidade, e fazemos planos para ali construir uma escola e uma igreja. O interesse pela verdade cresce tão rapidamente nesta região que não há dúvida de que dentro de pouco tempo ela se tornará o centro de um novo campo missionário.

Ronnie teve sorte!

Do número de 5 de Abril de 1954, da revista semanal «Times», transcrevemos a seguinte interessante notícia:

Ronnie Kim nasceu sem esperança, como patético destroço sacudido pela maré alta da guerra coreana. Seu pai era um coronel do Exército Norte-Americano que deixou a Coreia pouco depois do nascimento de Ronnie para regressar ao conforto de sua esposa e de dois filhos legítimos. A mãe de Ronnie... depois de um ano de vãos esforços para o manter vestido e alimentado... morreu de deficiência alimentar e de tuberculose. Ronnie passou para as mãos de parentes indiferentes. Quando os

comunistas avançaram para Seul, em Junho de 1950, Ronnie estava escondido num frio casebre, onde passava a maior parte do tempo deitado no chão sem soalho. Ali, após a queda de Inchon, o pessoal do Hospital Adventista do Sétimo Dia encontrou-o ainda vivo no meio dos destroços.

Os adventistas fizeram o melhor que puderam para restituir a Ronnie a vida e a saúde. Por fim, houve uma reviravolta na sua sorte; foi adoptado por uma bondosa enfermeira coreana chamada Grace Kim que já tinha adoptado uma menina orfã de guerra. Grace deu a Ronnie comida e vitaminas, deu-lhe o amor de que ele necessitava e sonhou enviá-lo um dia para os Estados Unidos. Mas Ronnie tossia cada vez mais, e começaram a desenvolver-se sintomas cada vez mais alarmantes. Começou a andar como um velho, e quando deixava cair um brinquedo caía ele também no chão antes de o poder apanhar. Um cirurgião ortopédico deu a resposta a Grace: Ronnie tinha tuberculose da espinha. Só um delicado enxerto ósseo poderia salvá-lo. Grace Kim fez a sua decisão. Os ossos doentes de Ronnie, disse ela aos médicos, seriam substituídos pelos dela. Grace já havia sido submetida a uma grave operação de rins, e os médicos duvidavam se ela estava em condições de se submeter a outra, mas a enfermeira tinha tomado a sua decisão. E assim as vértebras doentes de Ronnie foram reforçadas com enxertos ósseos saos da perna de Grace.

A semana passada o médico desfez o aparelho de gesso que tinha mantido Grace Kim prisioneira durante perto de cinco meses. Grace, disse ele, coxearia durante bastante tempo, mas ainda podia vir a

andar normalmente. Quanto ao seu filho adoptivo, tem as costas ainda num molde, mas estas estão-se tornando cada dia mais fortes. Sentado, feliz e sorridente, de garrido pijama azul, Ronnie Kim, de cinco anos, cuidadosamente dispunha os pausinhos de um brinquedo. «É um avião», explicou ele, «para qualquer dia transportar a minha mãe para a América».

Depois de muitos dias

Nossos irmãos e irmãs sentir-se-ão sem dúvida alegres ao saber como Deus faz germinar, passados anos, a semente lançada à terra. Um dia, na Guiné inglesa, conheci um comerciante sírio. Visitei-o em seguida regularmente uma vez por semana, e, pouco a pouco, ele veio a considerar-me como um amigo. Depois de certo tempo, dei-lhe estudos bíblicos. Duas de suas filhas juntaram-se a nós. Esperava que outros membros da família se interessassem também pela verdade quando um telegrama veio anunciar a morte de seu pai. Ele partiu então imediatamente para o Líbano, a fim de regular negócios de família. Depois, acompanhado por sua numerosa família, fixou-se em Tripoli. Pedi a um dos nossos evangelistas, sírio, para prosseguir a obra começada, o que ele fez fielmente.

Dois anos mais tarde, soube que as duas filhas que tinham assistido aos nossos estudos, estavam na nossa escola de Beirute. Ainda dois anos depois elas uniram-se em matrimónio com irmãos empregados na nossa obra. Em 1953, outras boas notícias vieram ainda alegrar-me. O pai decidira entregar-se a Deus e fechar o seu comércio ao Sábado. Sua esposa, sua sogra, um sobrinho, suas três outras filhas e uma sobrinha tornaram-se adventistas. Antes da minha partida para a Índia, em 1950, o seu cunhado, igualmente negociante sírio e instalado na Guiné inglesa, aceitou também a verdade. Nossos membros de Tripoli elaboram agora planos para a construção de uma igreja. Antes de esta família ter partido para Tripoli, esta cidade nunca tinha ouvido falar da mensagem. — *R. T. E. Colthurst.*

A maneira cristã de viver e dar

Os Adventistas do Sétimo dia economizam por ano muitos milhares de escudos que outros desperdiçam.

Suponhamos o seguinte caso: Eis uma família que costumava gastar por ano uns duzentos ou trezentos escudos em fumo. Já não gasta disso agora. Costumava ir aos circos, bailes, cinemas e a festas e lugares de divertimentos que custavam tempo e dinheiro. Já não frequenta nenhum desses lugares agora. Economiza desta maneira grandes quantias. Esta família costumava usar jóias e artigos caros. Já os não usa hoje. Já não gasta dinheiro na compra de novelas e romances ou coisa semelhante. Todos se vestem e vivem com simplicidade.

É a satisfação do dizimo uma prova do nosso cristianismo? Recebemos hoje uma carta de um ministro presbiteriano que ocupa posição preeminente no conselho da sua igreja. Escreve: «Tenho sempre admirado a liberalidade da vossa denominação. Nós 'cremos' em dar o dizimo ao Senhor, mas não o praticamos. A liberalidade do vosso povo é uma admirável evidência do seu cristianismo genuíno. Sempre sinto satisfação e certo orgulho quando vejo as estatísticas que revelam esta característica distinta.»

A atitude deste clérigo originou-se nos ensinamentos da Bíblia. — *F. C. Webster.*

Inesperada dádiva para o novo Hospital de Pusan

Acabamos de receber, da Coreia, a seguinte alegre mensagem do dr. George Rue:

«Sexta-feira passada, o tenente-coronel capelão Karl Darkey veio à nossa clínica e disse ter ouvido que estamos construindo um novo hospital em Pusan. Eu disse-lhe que esperávamos começar a pôr o cimento esta semana e que já tinha sido posto o aço de reforço. O capelão afirmou em seguida que tinha dado os passos para que eu visse essa tarde o general comandante. O general estava muito satisfeito com os nossos planos e informou-nos que através do programa de Assistência das Forças Armadas à Coreia, ele está autorizado a ajudar semelhantes projectos com equipamento e com materiais até cerca de 75.000 escudos. Prometeu que por intermédio desse programa nos seria dado todo o auxílio possível.

«Apreciamos imenso a assistência do capelão. Temos actualmente 340 crianças órfãs no orfanato de Seul.» — *W. H. Berg-herm.*

A Missão do Colportor

por J. C. Culpepper

Sempre, desde a invenção da imprensa no século XV, homens de Deus, em todas as terras, têm dado a sua vida ao trabalho de levar de porta em porta a mensagem divina. Quão sagrada é a incumbência do colportor cristão!

Os valdenses, antes da Reforma, levavam avante o seu piedoso ministério sob o manto de uma vocação secular. Visitando os lares em vestes de humildes bufarinheiros ou mercadores, negociando com sedas e custosas jóias, secretamente, levavam um tesouro mais valioso do que diamantes ou pérolas — a Palavra de Deus.

Citamos aqui um trecho de *O Conflito dos Séculos*, pág. 71: «Descalços e com vestes poentas da jornada, como eram as de seu Mestre, passavam por grandes cidades e penetravam em longínquas terras. Por toda a parte espalhavam a preciosa verdade. Surgiam igrejas em seu caminho e o sangue dos mártires testemunhava da verdade. O dia de Deus revelará rica messe de almas enceleiradas pelos labores destes homens fiéis.»

Os seguidores de Wycliffe atravessaram a Inglaterra e chegaram a outros países levando a Bíblia e livros sobre a Reforma. Através dessa leitura João Huss foi levado a renunciar ao romantismo e a começar a sua obra como reformador. A seguinte citação é de um tratado católico publicado contra os adventistas: «A invasão dos vendedores de livros adventistas no nosso País tem crescido até tornar-se uma praga. A nossa localidade já foi visitada três vezes num curto período de tempo, por quatro colportores. O perigo iminente para nós, não consiste num movimento de conversões em massa a essa seita, mas na grande quantidade de livros que estão espalhando entre o nosso povo. Que pode fazer um ou dois homens contra tal exército de colportores que marcham de aldeia em aldeia? Cativam as almas com persistente habilidade. Temos muito a aprender dos seus métodos.»

Entre os huguenotes da França, o mais

odiado e o mais perseguido por papas e padres, era, durante a reforma, o humilde colportor. Carregado de Bíblias e folhetos de Antuérpia ou Genebra, penetrava na França. Com paciente trabalho, quer no ardente Verão, quer nas nevadas do Inverno, prosseguia em seu perigoso mister, visitando castelos de nobres e lares de humildes trabalhadores. Os olhos penetrantes dos inquisidores e padres vigiavam-no por onde quer que fosse. Quando o destemido missionário era descoberto, o seu «stock» de livros era queimado e, para alegria dos mentores religiosos, o colportor era martirizado.

Nos dias de Lutero, a Bíblia e a literatura protestante foram bem acolhidas nas cidades e aldeias e ansiosamente examinadas por nobres e camponeses. Inúmeros monges foram levados a ver a ilegalidade da obrigação monástica e viajaram por todo o país vendendo livros da reforma. A Alemanha inteira foi invadida por uma onda desses intrépidos colportores.

Na segunda parte do século XVI, um destemido colportor vendia Bíblias e livros protestantes. Durante o Verão, quando os altos picos dos Alpes ficam cobertos de verde vegetação, pastores conduzem os seus rebanhos pelas altas montanhas. Para lá ia o colportor alegremente vender os seus livros, levando a mensagem a esses humildes pastores. Mas logo foi detido e encarcerado por vender literatura herética. Em 19 de Junho de 1556, foi condenado a ser queimado vivo. Mais tarde, foi permitido que o executor o estrangulasse. Antes, porém, dessa horrorosa execução, ofereceram-lhe a vida e a liberdade, caso se retratasse. Morreu numa praça pública da cidade, rodeado por uma multidão que chorou ao contemplar a cena.

Sim, verdadeiramente é sagrada a missão do piedoso colportor. Segue pisadas de homens nobres, fiéis até à morte, cuja coroa da vida os espera no reino de Deus. Que maravilhosa colheita de almas, como resultado de seus labores, os aclamará naquele grande dia!

DUAS ALEGRES NOTÍCIAS

É com grande alegria que temos o privilégio de comunicar aos prezados leitores da REVISTA ADVENTISTA a inauguração da nossa clínica, em Lisboa, no passado dia 29 de Março.

Está situada na Rua de Passos Manuel, 55, 1.º, dir.º, no imponente edifício que podemos ver na gravura.

É seu director o nosso irmão na Fé, dr. Manuel Santiago Nogueira, que desde as primeiras horas lhe tem consagrado incedível dedicação.

A irmã Ivone Rodrigues, como enfer-

meira, presta o melhor da sua competência e carinho a esta incipiente instituição.

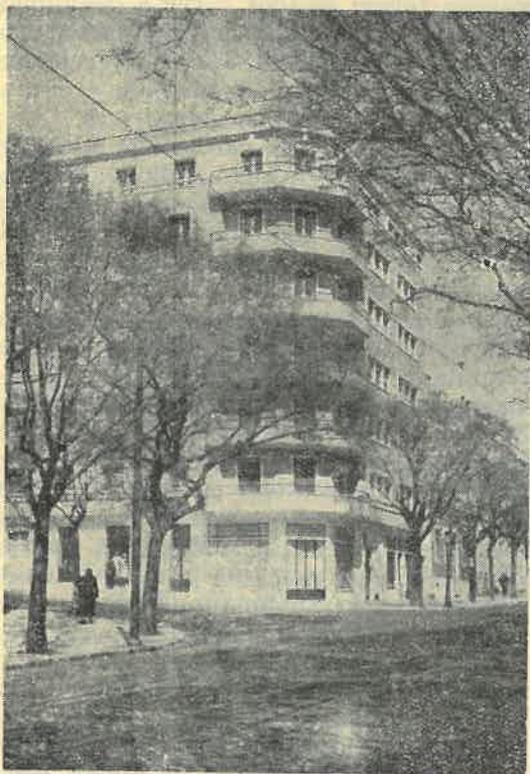
A outra notícia refere-se às nossas emissões educativas, cuja inauguração teve lugar no dia 7 de Abril.

Estas emissões têm por título SAUDE E LAR, e são radiodifundidas através de Rádio Graça, de Lisboa, todas as quartas-feiras, às 21,40. Duram um quarto de hora.

Estamos gratos a Deus por ter aberto mais estas duas oportunidades, das quais esperamos grandes benefícios para o progresso da Mensagem em Portugal.

A NOSSA CLÍNICA

Desde há muito que era desejo de todos nós vermos estabelecida no nosso País a obra médica, «braço direito» da grande Obra que a Igreja Adventista tem a realizar em todo o Mundo.



Aspecto exterior do edifício em que se encontra a nossa Clínica

PELO

DR. MANUEL SANTIAGO NOGUEIRA

O nosso movimento em Portugal estava incompleto, uma vez que a acção propriamente missionária não era acompanhada do ministério da saúde.

Graças a Deus, pudemos já inaugurar uma pequena clínica, a qual esperamos ver ampliar-se e completar-se, não faltando para tal o entusiasmo, o esforço e a confiança em que Deus permitirá tal desenvolvimento.

Assim como todas as coisas começam por ser pequenas, também a clínica que agora vimos abrir-se para a vida não passa por enquanto de uns simples gabinetes para consultas e tratamentos. Mas é já alguma coisa. Os grandes rios, antes de serem grandes, são pequenos filetes de água, que a pouco e pouco vão engrossando até se tornarem majestosos.

Assim esperamos que venha a acontecer à Obra que agora ensaia os seus primeiros passos.

Situada num belo edifício da Rua de Passos Manuel, tem desde já a funcionar um gabinete de clínica geral, outro de estomatologia e uma sala para tratamentos. Como pessoal, tem actualmente um médico e uma enfermeira.

Contamos, como primeiro passo na almejada ampliação, instalar em breve uma

aparelhagem de fisioterapia, bem como outra de raios X.

Temos planos para ampliar a nossa Obra, de forma a instalar uma casa de saúde, o que representa actualmente a nossa mais ardente aspiração.

E o que esperamos desta clínica?



Sala de espera da Clínica

Em primeiro lugar, se é que há, de facto, um primeiro lugar, tratar as enfermidades do corpo, de forma a que ele possa abrigar uma alma sã. Em seguida, procurar estabelecer contactos missionários, por intermédio do ministério da saúde.

O futuro da nossa clínica está nas mãos de Deus. Não sabemos qual será. No entanto, sentimos uma enorme responsabilidade pesar sobre os nossos ombros, pois temos plena consciência da grandiosidade da tarefa que está confiada às nossas tão débeis forças.



O Dr. Santiago Nogueira no gabinete de Estomatologia

Assim nos ajude Deus a levar a bom termo esta comissão, na qual empenhamos todo o nosso interesse, carinho, boa vontade e entusiasmo.

PROMOVENDO INSCRIÇÕES PARA A ESCOLA RÁDIO POSTAL

Em meados de Janeiro, recebi a seguinte comunicação do pastor José Júlio Pires: «Queira o irmão Duarte preparar todo o seu exército, porque em 20 de Fevereiro iremos fazer uma Campanha da Escola Rádio-Postal em todo o nosso País. O irmão, na qualidade de director da Sociedade Missionária da Igreja do Porto tem um importante trabalho a fazer: reunir todo o nosso exército, para os levar de casa em casa, fazendo sentir às almas que vivemos nos últimos dias e inscrevendo todas as pessoas que desejem seguir o Curso da Escola Rádio-Postal».

Em 13 de Fevereiro, fiz o primeiro anúncio no quarto de hora missionário. No dia 20, às 14,30 conseguimos reunir umas vinte e cinco pessoas, jovens e adultos, e começámos a ensaiar algumas apresentações com a lição N.º 1 e com o cartão para inscrição. Passou a roda da sorte por

quase todos, que tiveram oportunidade de demonstrar a sua apresentação. Conseguimos assim desses vinte e cinco escolher uns dez chefes de grupo, ficando alguns com duas pessoas à sua responsabilidade por estes não terem ainda experiência.

Ao sairmos, em quase todas as casas fomos amavelmente recebidos. Quando necessário, apresentámos a primeira lição para explicar melhor em que consistia o Curso e a maneira de o seguir. Como resultado desta primeira saída conseguimos inscrever noventa e oito pessoas. Vieram depois ter-nos à mão quinze cartões que tinham sido deixados nalgumas casas. Continuámos o trabalho no dia 13 de Março chegando então o total de inscrições a duzentas e vinte. Cumpriu-se mais uma vez a mensagem que o Senhor proclamou por intermédio do profeta Isaías: «Levanta-te e resplandece porque já vem

a tua luz, e a glória do Senhor vai nascendo sobre ti.»

Alguns dos irmãos que foram para esta campanha ganharam uma abençoada experiência e de vez em quando perguntam-me quando é que vamos novamente ao trabalho.

O primeiro sábado de cada mês é dedicado ao Trabalho Missionário. No último culto que tivemos em 6 de Março falámos

sobre o poder do Espírito Santo e assim a Igreja unida tem correspondido ao chamado do Senhor. Nessa mesma reunião missionária foi feito um apelo a todos os que quisessem ir voluntariamente trabalhar e setenta irmãos se levantaram e avançaram até à tribuna, tendo-se seguido uma oração de consagração pela irmã Maria Augusta Pires.

António Gomes Duarte

Integridade Cristã

por M. E. KERN

Não há, talvez, maior tentação na vida do que procurar parecer aquilo que não somos. A igreja não está livre de pessoas assim dobres, homens e mulheres que seguem uma norma de vida inferior à sua profissão. Como pode um crente assim esperar merecer a confiança de seus semelhantes ou a aprovação de Deus?

Os mais terríveis aís pronunciados por nosso Senhor foram os dirigidos contra os hipócritas: «Ai de vós, ... hipócritas, que sois como as sepulturas que não aparecem, e os homens que sobre elas andam não o sabem.» S. Luc. 11:44.

Examinemos o coração

Os membros da igreja remanescente devem reflectir plenamente a imagem de Jesus. Em face de violentas tentações, perseguições amargas e grandes perplexidades, serão notados por sua estrita integridade. Da hoste de remidos, diz a Palavra: «Na sua boca não se achou engano; porque são irrepreensíveis diante do trono de Deus.» Apoc. 14:5.

Não, prezados coobreiros, não entrará de modo algum na Santa Cidade de Deus, qualquer que «cometa abominação e mentira». Apoc. 21:27. E a mensagem que o Senhor dá, diz que «o selo de Deus jamais será colocado sobre a fronte de um homem ou mulher impuros. Nunca será posto na fronte do homem ou mulher ambiciosos, amantes do Mundo. Nunca cingirá a cabeça de homens ou mulheres de língua falsa ou coração enganoso.» — *Test.*, vol. V, p. 216.

Anos atrás, a fiel mensageira do Senhor, que tantas vezes, em grande angústia

mental, foi chamada a mostrar os pecados do povo de Deus, escreveu estas palavras: «Pesa-me fazer a declaração de que existe uma alarmante falta de honestidade, mesmo entre os observadores do sábado... Um homem honesto, de acordo com a medida de Cristo, é aquele que manifesta inflexível integridade... Um leve desvio da verdade, uma pequenina variação dos reclamos de Deus, são considerados, afinal de contas, não tão grande pecado, se se acham em jogo ganho ou perda pecuniários.» — *Idem*, Vol. IV, pp. 310, 311.

Honestidade em negócios

«Balança enganosa é abominação para o Senhor, mas o peso justo é o Seu prazer.» Prov. 11:1. O verdadeiro filho de Deus será escrupulosamente honesto em todo o seu trato, tanto nos seus próprios negócios pessoais, como nos ligados à causa. Ele não encobrirá os defeitos daquilo que está vendendo. Não aceitará o ganho da opressão. «Ideias egoístas, vulgares, pequenas e mesquinhas vantagens», diz o Espírito de profecia, «não se devem deixar introduzir e mancharem a nobreza dos princípios que devem controlar todo o procedimento nas coisas temporais.» — *Testemunhos Especiais* (1898).

Há cinquenta e três anos aconteceu uma coisa que constitui um notável marco em nossa história denominacional. A nossa casa editora na Noruega fracassou financeiramente, e os credores aceitaram uma concordata segundo a qual se contentavam com uma pequenina percentagem, apenas, do seu dinheiro. Feita essa concordata, a

denominação inteira pôs-se a trabalhar, e arrecadou o dinheiro, pagando ao credor a dívida integral. Creio que nunca aconteceu naquele país coisa alguma que tivesse maior influência para o avanço da mensagem do advento.

Sejamos, em nossos negócios individuais, na gerência de nossas instituições e em nossos trabalhos nas associações, fiéis a esse alto padrão de integridade comercial, que foi apresentado pelos dirigentes do nosso povo há cinquenta e três anos.

Integridade administrativa

Esta denominação tem muitas instituições e organizações administrativas. Em sentido especial, essas organizações representam a mensagem do advento ao Mundo. Moldam também os sentimentos e apresentam as normas para os nossos jovens e todo o nosso povo. Quão importante é que os nossos dirigentes e mesas administrativas sejam, por sua vez, controlados pelos princípios da justiça!

Não existe na obra de Deus lugar para uma franqueza descortês, vazia de amor e simpatia cristãos, mas prejudicamos muito, a nós e aos outros, quando deixamos de ser francos e estritamente honestos em todas as nossas relações. Creio que um dos maiores factores na salvação dos que erram, quer sejam estudantes, quer coobreiros, é a franca e inequívoca disciplina, administrada com terno amor. Mas, oh, a amargura e a perda de almas que às vezes vêm por falta dessa franqueza amorosa!

Todos nós sabemos que não é fácil falar com um irmão sobre as suas fraquezas, e administrar disciplina face a face. Esse é, porém, o plano do Senhor.

Infelizmente, há os que julgam que «os fins justificam os meios». Essa divisa, caros amigos, originou-se com Satanás, e foi alimentada nos tenebrosos concílios de uma religião apóstata.

Fidelidade nos ensinamentos

Ministros há que parecem possuir um incôndito desejo de pregar alguma coisa nova e sensacional, e são levados a fazer interpretações da Escritura forçadas ou fantásticas, e que bem sabem não estar de acordo com a sã exégesis. Tal procedimento não é sincero, e não se recomenda à consciência de pessoa alguma.

Pergunto com toda a seriedade: É honesto empregar as palavras da Escritura de modo que ensinem o que, obviamente, não é o significado do texto? É justo anunciar que haveis de provar, pelas profecias, que a ilha de Creta há-de submergir, ou que haveis de revelar quem vencerá a guerra? É próprio, para um evangelista, chamado a ensinar a sagrada verdade, apresentar-se como aquilo que em realidade não é?

No Mundo há exageros nos anúncios, mas assim não deve ser entre os mensageiros da Verdade.

Oh, quanto precisamos de homens poderosos nas Escrituras, que ensinem a Palavra de Deus em sua pureza e poder, não a manejando enganosamente, mas fazendo poderosos apelos à consciência dos homens, mediante a verdade pura!

Leiamos a descrição feita por Malaquias, do levita chamado por Deus para ser o mensageiro do Senhor dos exércitos: «A lei da verdade esteve na sua boca, e a iniquidade não se achou nos seus lábios: andou comigo em paz e em rectidão, e apartou a muitos da iniquidade.»

COMO DEVE SER FEITA A VISITA AOS DOENTES

pele Dr. Galdino Nunes Vieira

1. A visita a um doente deve ser curta. Conversas e visitas compridas impedem, muitas vezes, que a vida fisiológica do doente tenha a sua regularidade. Dez a quinze minutos é suficiente.

2. Lembra-te de que o doente, mesmo na convalescença, deve dormir muito. Não lhe

estorves este sono, que lhe significará força e saúde.

3. Muitas pessoas, no quarto do doente, roubam-lhe o ar puro e o sossego de que ele tanto necessita.

4. Se possível, não converse sobre a doença, deixa isto para o médico. Não con-

tes casos, como outras pessoas tiveram doenças semelhantes, e como sofreram muito e então morreram. Não contes outras histórias desagradáveis. Não fales mal do médico assistente. Tudo isto não aumenta a disposição moral e o optimismo do doente, tão necessários na luta contra a doença.

5. Se o doente está em estado grave, não o visites. Manda umas flores, ou mostra o teu interesse nele, em mandar perguntar pelo seu estado. Só pessoa muito íntima poderá fazer uma curta visita.

6. Leva ao doente algumas flores. Estas sempre alegram.

7. Não leves comestíveis ao doente, a não ser que se trate de doente pobre e que a doença seja crónica e não aguda. Neste caso servem frutas, torradas, bolachas. Ou se o doente estiver em casa de seus familiares, aveia, leite em pó, farinhas nutritivas, frutas secas, etc.

8. Nunca dê conselhos sobre remédios ou dieta que sejam contrários à indicação do médico assistente.

9. A visita ao doente deve ser útil. Não é somente uma amabilidade, deve ser questão de auxílio, ainda mais se o doente é de família pobre. Quantos trabalhos não poderão existir para serem feitos! Faça lembrar alguns:

a) Mudar o doente de cama, ou mudar a roupa de sua cama.

b) Lavar e pentear o doente, coisa que em família pobre, é muitas vezes ignorada ou deixada por falta de tempo.

c) Alguma vigília nocturna.

d) A arrumação da casa, varrer, passar o pano, tirar o pó, etc. O doente requer às vezes toda a atenção dos de casa, e estes trabalhos ficam de lado.

e) Talvez alguma roupa para lavar e passar. Vamos ter os olhos abertos para ver em que poderíamos ajudar.

f) Se há crianças, talvez dar o banho, consertar alguma roupa, entretê-las um pouco, etc.

10. Os cristãos devem também lembrar-se de que, tratando-se de um caso que já não é tão grave, seria lindo ler um trecho pequeno das Sagradas Escrituras e fazer uma breve oração. Não esqueçamos a Deus em todo o nosso lidar a favor dos doentes.

11. Implica o nosso serviço, às vezes, em algum gasto nosso. Tenhamos o espírito de sacrifício do Bom Samaritano.

12. Resumindo: Não seja a nossa visita um estorvo para o doente, mas um auxílio. Tenhamos amor para com o que fazemos, mas também sabedoria.

NOTÍCIAS DO CAMPO

JOÃO DE MENDONÇA — Depois de uma estadia de perto de cinco anos em Cabo Verde, veio durante uns meses refazer as suas forças o Ir. João de Mendonça, que últimamente tem trabalhado na Ilha Brava, Natural da Madeira, ali se encontra actualmente. Desejamos-lhe completa restauração das suas abaladas energias.

UNIÃO DE ANGOLA

Do nosso prezado Ir. Vitorino Chaves, director da Missão do Lucusse, recebemos uma interessante carta, da qual destacamos o seguinte período: «A Missão onde nos encontramos presentemente dista 155 quilómetros da vila europeia mais próxima. Estamos situados, portanto, no coração da África, entre povos muito primitivos. Apesar dos meus 32 anos de permanência em Angola, ainda sinto muito amor por esta pobre gente, que considero verdadeiras 'joias angolanas do Senhor Jesus'. Por vezes as feras aproximam-se de nós, mas como 'o Anjo do Senhor se acampa ao redor dos que O temem' mal algum nos tem acontecido a nós e ao nosso povo.»

CONFERÊNCIA PORTUGUESA

Porto

Estimados Irmãos:

Cá estamos de novo a dar-vos as notícias mais recentes do nosso campo nortenho.

Pela graça de Deus continuamos a constatar a divina presença ao trabalho e assim a nossa querida Igreja caminha alegremente em progresso.

Foi, aproximadamente, há três semanas que, com a presença e activa colaboração do nosso prezado Irmão Pastor Ferreira, tivemos o grande prazer de efectuar a inauguração de uma bela salinha no Rio Tinto. E a partir daquele momento algumas dezenas de preciosas almas ali têm entrado para escutar as Eternas Verdades do Evangelho.

A Semana de Juventude, que decorreu de 20 a 27 do passado mês, foi, sem dúvida, de grande bênção para os nossos prezados jovens que nela tomaram a firme decisão de mais se aproximar do Supremo e Bom Senhor.

Esta Semana foi encerrada por uma grande e

ditosa festa espiritual. E assim, no Sábado, 27, o nosso prezado Irmão Pastor Ferreira esteve connosco para celebrar entre nós a Santa Ceia, que para todos os irmãos foi, como sempre, um prazer e uma bênção e o baptismo de oito preciosas almas, entre as quais se encontravam três jovens.

Por este abençoado dia de Sábado, damos infinitas graças ao nosso Deus.

A nossa Igreja continua entusiástica e activamente ao trabalho. Cada Sábado, e organizados em belos grupos, os nossos irmãos, novos e idosos, invadem os diversos bairros da cidade à «caça» das pérolas preciosas que por eles se encontram dispersas. De duas saídas em prol da Escola Rádio Postal os nossos activos «obreiros» trouxeram-nos mais de duas centenas de interessados nesse belo curso.

Alguns dos nossos obreiros leigos já estão trabalhando activa e sistematicamente nalguns lares interessados.

As reuniões públicas de Domingo, dirigidas pelo nosso prezado Irmão Pastor Ferreira e as de Quinta-Feira, acompanhadas de projecções luminosas, têm numerosa assistência e aguardamos, em Deus, bons resultados.

Estamos mantendo uma classe baptismal com um bom número de assistentes dos quais esperamos poder baptizar, em breve, uma boa parte.

Damos graças ao Senhor pelo bom espírito missionário dos Irmãos da Igreja Portuense. Eles manifestam bem a sua convicção na volta do Senhor Jesus, fazendo tudo, da sua parte, para abreviar esse, para nós, tão ditoso como almejado acontecimento.

Irmãos, orai pelo Porto e o Porto orará por vós.

José Júlio Pires

Lisboa

No dia 27 de Março, p. p., tivemos o prazer de ver descerem às águas baptismas seis preciosas almas que deram, por esse meio, público testemunho da sua fé e manifestaram uma vontade firme de esquecerem o seu passado e de viverem uma nova vida escondida em Cristo.

Que Deus abençoe estes novos irmãos, dando-lhes forças para que possam manter esta decisão inabalável até ao fim da sua vida.

Presidiu ao acto o Ir. Pastor Pedro B. Ribeiro. Que muitas mais almas possam seguir o seu exemplo.

Juvenal Gomes

S. Julião (Portalegre)

A nossa pequena Igreja de S. Julião fica situada num vale entre duas serras, a de São Mamede e a Fria, espanhola. São Julião, distanciada 22 quilómetros de Portalegre, é uma freguesia com uma grande extensão territorial, pois que abrange umas três léguas de lés a lés, mas com poucos habitantes, e cuja população se estende, sobretudo, ao longo do vale.

O lugar onde estamos situados é o mais populoso, com casas isoladas ou grupos de casas aqui, ali ou mais longe. O resto do território contém pequenas povoações nas mesmas condições, distanciando-se umas das outras vários quilómetros até aos limites da freguesia.

Além das reuniões dos Sábados, realizamos uma por semana para o público, que é frequentada pelos membros que moram mais próximo,

mas escassamente pelo público porque o meio não é favorável para reuniões nocturnas devido à distância, à escassez da população e à falta de iluminação pública. Além dessas reuniões, e apesar disso, realizamos, de dois em dois Sábados, à noite, reuniões da juventude, que são geralmente bem frequentadas, com programas que visam a formação de caracteres cristãos, constando de poesias, estudos bíblicos, histórias e ensinamentos de bons autores.

Como a Mensagem de Deus veio parar a esta região um pouco isolada e de fraco centro populacional não sabemos exactamente, mas constatamos que foi obra dum antigo ou antigos obreiros da Igreja de Portalegre que estenderam o convite evangélico às aldeias que puderam alcançar. O que é certo é que não foi em vão que apareceu pela primeira vez aqui o precursor portador da luz. Mas o obreiro que vem para esta Igreja, que não chega a conter uma vintena de membros, geralmente não se contenta com um tão limitado raio de acção. É por isso que se têm feito esforços para estender o convite evangélico a outros lugares. Com efeito, fizeram-se esforços no passado nesse sentido. No tempo do obreiro E. Pinto, de colaboração e iniciativa dos fieis membros da Igreja, entre os quais se destaca o Ir. Manuel F. Pires, comerciante do lugar e figura preponderante da Igreja, que a ela tem prestado bons serviços, fizeram-se incursões a lugares mais distantes, mas sem resultados positivos. Por fim, alcançaram Santo António das Areias, que fica daqui a umas três léguas de distância, onde obtiveram bom êxito. Temos neste lugar quatro fieis membros baptizados que costumam vir à nossa Igreja de dois em dois Sábados, calcurreando essa respeitável distância para chegarem aqui às 10 horas, hora de começar a Escola Sabatina, até que se estabeleça uma Igreja no seu território tão promissor.

Há outro fiel Irmão com 79 anos de idade, morando a mais de uma légua de distância, que vem cada Sábado à casa de oração.

O nosso meio aqui é pobre, vivendo da agricultura, sendo a oliveira a principal produção da região, mas nota-se a liberalidade das ofertas, principalmente da Escola Sabatina, que muitas vezes atingem duas ou três vezes mais do que o alvo proposto.

A despeito da incultura dos nossos irmãos, eles apreciam bem a fé e obediência a Deus, bem como o que Deus está realizando em todas as partes do Mundo em favor das almas, para as arrebatarmos do erro e do pecado para o seu glorioso Reino.

Temos aqui, pelo menos, dois prometedores jovens aptos a serem recomendados para ingressarem nas nossas escolas seminárias.

Há aqui também algumas preciosas almas para serem baptizadas, entre as quais se destaca um jovem há pouco tempo convertido, que tinha o vício do tabaco e do jogo de azar. É notável a prontidão da sua conversão. Deixar o jogo de azar (que é um dos piores males desta região), o tabaco, a carne de morco e seus derivados, etc., para abraçar «a fé que uma vez foi dada aos Santos», foi obra dum momento neste mancebo, apesar das censuras e até de insultos que recebeu de alguém.

O tempo aqui no inverno é bastante agreste, de sorte que não tem permitido um esforço de evangelização a outros lugares, mas agora que o tempo começa a melhorar, temos planeado alcançar outros lugares mesmo já trabalhados.

Deus sabe onde estão os Seus, as ovelhas per-

didas que não-de atender ao chamado do Divino Pastor. Nós temos de descobrir onde se encontram essas preciosas almas e semear a Palavra, não esquecendo que os refractários também têm de ser avisados, enfim o Mundo na sua totalidade, conforme nos é revelado em Mat. 24:13: «E este evangelho do Reino será pregado em todo o Mundo em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim».

Vosso conservo no Senhor,

Jerónimo Falcão

Vila Real de Santo António

No dia 20 de Fevereiro tivemos o prazer de ter no nosso meio o prezado irmão Director da União Portuguesa, Pastor Ernesto Ferreira, para dirigir a cerimónia da Santa Ceia e o casamento de de dois dos nossos membros.

A cerimónia da Santa Ceia foi realizada na manhã do dia de Sábado, tendo-se notado um ótimo espírito de reconsecração ao Senhor. Nessa mesma manhã o Ir. Eduardo Pinto da Silva foi consagrado ancião da igreja.

À tarde, realizou-se uma bela Escola Sabatina no lugar da Altura, cuja lição foi dirigida pelo Ir. E. Ferreira.

No Domingo, 21, tomámos a camioneta das 14,30 para a cidade de Tavira, onde temos uma pequena sala de reuniões. A casa estava cheia, graças a Deus. Tomou a palavra o Pastor E. Ferreira, cuja mensagem todos apreciaram. As almas sinceras estão frequentando as reuniões com interesse aos Domingos. Esta sala encontra-se na Rua 9 de Abril, 19. Esperamos colher frutos na cidade de Tavira. A perseguição para com algumas almas interessadas continua, mas elas estão animadas na mensagem. Orai por este campo.

No dia 22, tivemos o prazer de ver nesta igreja o primeiro casamento adventista. Uniram os seus destinos pelos laços do matrimónio os nossos prezados jovens Missionários Voluntários Leonel S. Pessanha, director da Sociedade Missionária, e Amália Teixeira, secretária da Escola Sabatina. Dirigiu a cerimónia o prezado Ir. Director da União. Aos noivos desejamos uma vida cheia de vitórias no Senhor Jesus.

Eduardo Pinto da Silva

MISSÃO DE CABO VERDE

S. Vicente

Transcrevemos do Boletim dos Departamentos desta Missão: «Tiveram lugar durante os três dias carnavalescos serões de actividades festivas pela juventude. Foram apresentados variados programas, em que cada um empregava o melhor do seu talento e boa vontade.

«Todos os nossos fieis colaboradores estiveram connosco, empregando o seu tempo para Deus em vez de o empregarem para o inimigo, como infelizmente tantos fazem durante esses dias. A terça-feira foi dedicada a um passeio ao interior da Ilha, onde passámos um belo dia, com alegria e em contacto com a obra criada por Deus.

«Continua o entusiasmo pelas classes Progressivas, cujas actividades, suspensas por motivos da preparação para festas, recomeçam novamente. Mantemos inviolável o programa semanal de reuniões para a juventude, tendo mesmo por

vezes lugar reuniões especiais só para rapazes e outras só para meninas, que têm dado os melhores resultados.»

AGUARDANDO A RESSURREIÇÃO

MANUEL GOMES MARCELINO — Depois de prolongado sofrimento, que se arrastava havia meses, faleceu em 24 de Março, no Hospital da Estefânia, em Lisboa, o Ir. Manuel Gomes Marcelino. Este saudoso irmão pertencia ao grupo do Entroncamento e era membro da Igreja de Tomar.

MARIA TRINDADE DA SILVA CORREIA — No mesmo dia, com a idade de 63 anos, descansou em Moscavide a Ir. Maria Trindade da Silva Correia, que desde 1922 pertencia à igreja de Lisboa. Apresentamos a expressão da nossa simpatia cristã aos parentes da saudosa extinta, e em especial ao seu Esposo e a sua Filha, Irmã Maria de Lourdes Correia. — *E. F.*

PANTALEÃO LOURENÇO QUINTINHO — No dia 22 de Março, faleceu em Vila Real de Santo António o Ir. Pantaleão Lourenço Quintinho, com 78 anos de idade. No seu funeral tomou a palavra o obreiro da igreja de Vila Real, de que era membro. Esperamos ver este irmão na manhã gloriosa da ressurreição dos justos para vivermos com Cristo para sempre. — *Eduardo Pinto da Silva.*

Todas as quartas-feiras, às 21,40, é transmitido através de Rádio Graça, de Lisboa, um programa educativo intitulado «Saude e Lar», Sintonize para ele o seu aparelho.

REVISTA ADVENTISTA

ÓRGÃO EXCLUSIVAMENTE RELIGIOSO
E DE INFORMAÇÃO DA IGREJA
ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

DIRECTOR: ERNESTO FERREIRA
ADMINISTRADOR: P. BRITO RIBEIRO

Corpo de Redacção: F. Córdas, J. A. Esteves,
E. Ferreira, M. Lourinho, E. Miranda, S. Reis e
M. Miguel.

PUBLICAÇÃO MENSAL

Cont., Ilhas e Províncias Ultramarinas

Número avulso \$50
Assinatura anual 15\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

TIP. GOMES & RODRIGUES, LDA.

32, RUA DAS PICOAS, 34 — LISBOA